

Especial / Novo Hamburgo 97 anos

MAX MILAN / ACERVO FUNDAÇÃO ERNESTO FREDERICO SCHEFFEL



Curtume Ludwig, onde hoje está a área no entorno da Câmara de Vereadores, surgiu no caminho entre Hamburgerberg e a estação do trem

Perseguição e oportunidade com Getúlio Vargas no pós-guerra

Governo federal teve papel importante para estimular indústria coureiro-calçadista

Já alçado a município, Novo Hamburgo viveu uma dicotomia depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Por um lado, o fantasma de ser uma cidade de colonização alemã. “Teve uma perseguição gigante a qualquer pessoa que falasse alemão”, afirma o historiador Paulo Spolier.

Mas ao mesmo tempo, o gover-

no comandado por Getúlio Vargas no Estado Novo injetava dinheiro na cidade para produção de cinturão, talabarte, coldre, coturno, toda parte de equipamentos de couro para os militares. Fazia parte do projeto de construir um país industrial, de amadurecer um capitalismo moderno por aqui. Isso gerou um frisson na indústria cal-

çadista, que já era forte.

“A quantidade de fábrica de calçados entre 1935 e 1950 triplicou. Foi aí que a produção começou a afunilar para o calçado. Nada dava tanto dinheiro quanto isso. Toda aquela criatividade usada em diferentes produtos foi sendo voltada para este cluster coureiro-calçadista”, detalha Spolier.

Logo, o reconhecimento veio de forma galopante. “Novo Hamburgo chegou a ser chamada por publicação nacional de a Manchester brasileira na década de 1940 pela quantidade de fábricas. No começo da década de 1960, a cidade teve uma arrecadação de impostos maior do que oito estados do Nordeste.”

Novos tempos, novos desafios com as exportações

Na década de 1960, a ida de comitiva ao mercado norte-americano abriu as portas para a exportação, fortalecendo a vocação de Novo Hamburgo para o calçado. As fábricas foram se espalhando pela cidade, os negócios cresciam e mão de obra era essencial. “As pessoas começaram a vir para cá em ondas. O Hospital Municipal, inaugurado como Operário em 1947, atendia todo este pessoal trabalhador que vinha dos vales do Paranhana, Cai”, conta Spolier.

Logo, não bastou a mão de obra de regiões próximas. “Veio o pessoal do Alto Uruguai, Seberi, Palmitinho, Santo Cristo, todo o Norte, Noroeste do Estado. Vinha o pai, a mulher, a filha de 12 anos e o guri de 20. Os quatro podiam trabalhar nas fábricas e a família ganhar três salários mínimos e meio, três para os adultos e meio para a criança”, detalha o historiador. “Tinha emprego. Passava uma Kombi na fábrica concorrente perguntando quanto era o vale-

-alimentação, se tinha refeitório. Havia disputa pela mão de obra.”

Com o fluxo de pessoas, a cidade crescia de forma desordenada. Loteamentos começaram a ser abertos nas áreas periféricas, como Santo Afonso, Rondônia. Era tanta gente que vinha para ocupar onde dava e onde não dava.

Quando o preço do terreno começou a ficar caro no bairro Guarani, na época chamado de África em alusão à forte presença de pessoas negras no lugar, filhos de moradores migraram para área desvalorizada do Primavera, nas imediações de onde hoje está a centenária Sociedade Cruzeiro do Sul, a Cruzeirozinho. “A população negra tinha um rendimento menor porque não era empregada na fábrica, mas no curtume, que pagava menos. Então, este pessoal mais jovem comprou terrenos no alto da Rua da Limpeza, onde hoje é a Osvaldo Cruz. Lá em cima tinha uma estação de limpeza pública, onde eram levados todos os



Loteamentos como Kephas surgiram com a vinda de mão de obra de fora

cubos, onde se despejavam os penicos. E na metade do caminho tinha um matadouro municipal. Esta população que não tinha grana teve que comprar os terrenos entre odor de fezes e cheiro de carniça”, detalha.

O crescimento econômico e o fluxo migratório seguiu intenso entre as décadas de 1960 e 1980. “Nunca houve um distrito industrial porque as fábricas eram no meio de áreas da cidade e os trabalhadores moravam ao redor. Todo mundo se deslocava de bicicleta. Brinco que o veículo oficial de Novo Hamburgo na década de 80 era a barra circular e a barra forte, porque era um mar de bicicletas de manhã cedo e final da tarde.”



Boom das exportações era destaque do NH nos anos 60

Depois da queda, foco no futuro

Com a ascensão dos asiáticos e a quebra das fábricas na década de 1990, toda esta legião de gente em áreas periféricas se viu sem chão. Na trajetória da prosperidade, surgiu um obstáculo difícil de transpor e que pressionou o poder público.

“Teve prefeito pedindo em telejornal para não virem a Novo Hamburgo porque não tinha mais emprego. Tinha caminhão da Habitação que fazia a contramudança. Quem não tinha emprego era levado de volta para cidade de origem”, lembra Spolier. “O Sindicato dos Sapateiros chegou a ter 30 médicos e 18 dentistas. Então, os trabalhadores não precisavam recorrer ao serviço público, iam no sindicato. Mas a crise quebrou tudo, calçado, arrecadação e os sindicatos”, detalha.

O historiador admite que especialmente moradores mais antigos ainda têm dificuldade de deixar a nostalgia para trás da época que Novo Hamburgo foi comparada a Manchester. “Quando a cidade resolveu fazer calçado, todas ao redor também fizeram. Quando virou um polo de serviços depois que quebrou o calçado, os municípios ao redor criaram os seus. Tem que reestruturar a matriz produtiva”, analisa.

Apesar da dificuldade, o tempo de ouro do calçado deixou legado que não se apaga e serve de base sólida para um futuro promissor. “Ainda tem muito calçado, mas ficou a inteligência, a criatividade. Tem a Universidade Feevale, a Fundação Liberato, Senai, série de lugares na cidade que trabalham com indústria criativa. Vejo muito o pessoal mais jovem abandonando este clima, esta névoa de nostalgia. Eles têm uma outra visão, uma outra perspectiva. E isso não significa abandonar a tradição, mas fazer de um jeito diferente”, acredita.

“Ficou a inteligência, a criatividade... Vejo muito o pessoal mais jovem abandonando esta névoa de nostalgia.”